

Atenção psicossocial e artesanaria:
a história do projeto

éfeito de papel

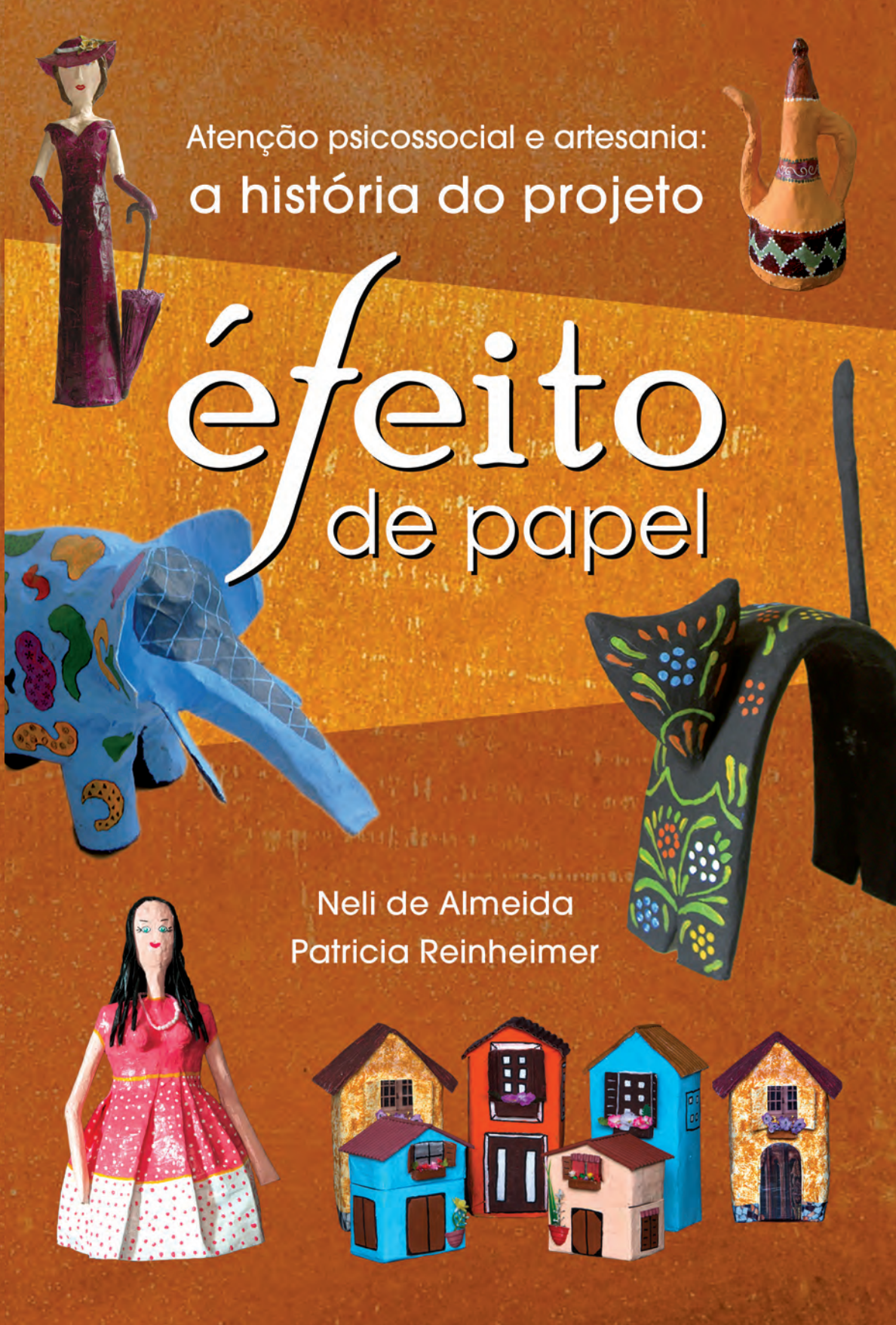
Neli de Almeida
Patricia Reinheimer

O projeto *éfeito de papel* – implantação de polos de produção artesanal na rede de centros de atenção psicossocial (CAPS) – consiste em uma experiência de trabalho artesanal e coletivo desenvolvido junto a usuários, e seus familiares, vinculados aos serviços de saúde mental.

Com o objetivo de geração de renda, as oficinas de artesanato produzem peças decorativas e utilitárias a partir da técnica de papel machê, recorrendo a materiais básicos: jornais, cola e tinta. É em torno de uma mesa, com esses materiais dispostos, que o grupo se reúne para a produção de bonecas elegantes, bichos diversos, casinhas, espelhos, colares e tantos outros objetos de artesanaria.

As autoras, nas “memórias artesanais e processos de trabalho”, indicam que o olhar artístico também se produz na cultura, e, ao criarem condições de experimentação de novas linguagens e de circulação pelos espaços de arte pela cidade, consideram que:

Visitar lugares que trabalham com a reorganização estética de materiais, a transformação de formas, cores e texturas em objetos diversos é uma das maneiras mais eficazes de subverter o senso comum da experiência visual. Ver musealizado o cotidiano e a história de uma comunidade similar à da maioria dos participantes do projeto também constituiu uma experiência marcante. Essas visitas se expressam nos relatos como experiências estéticas e de ampliação de horizontes e estímulo à criatividade.



Atenção psicossocial e artesanaria:
a história do projeto

*é*feito
de papel

Patrocínio:

PROGRAMA **PETROBRAS**
DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA



Apoio:



Realização:

IFB

Atenção psicossocial e artesanaria:
a história do projeto

éfeito
de papel

Neli de Almeida
Patricia Reinheimer

2014

Produção editorial:
Livreria e Edições Folha Seca
37, rua do Ouvidor, 37
Centro – 20010-150 – Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2507-7175
folhaseca@livrariafolhaseca.com.br

Revisão: Fernanda Mello

Apoio técnico: Ana Paula Reis

Projeto gráfico e composição: Leo Boechat

A447a Almeida, Neli de.

Atenção psicossocial e artesanaria: a história do projeto Éfeito de Papel / Neli de Almeida e Patricia Reinheimer. – Rio de Janeiro: Folha Seca, 2014.

96p.; il.; col.; 16cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-87199-23-2

1. Atenção Psicossocial. 2. Saúde mental – Aspectos sociais – Brasil. I. Almeida, Neli de. II. Reinheimer, Patrícia. III. Título.

CDD 615.85156

Sumário

Agradecimentos 7

Introdução: a trajetória do projeto 11

A técnica do papel machê e a dinâmica das oficinas 13

Memórias artesanais e processos de trabalho 45

Pequenas estórias, grandes aprendizados 63

O projeto no campo da extensão: UFRRJ e IFRJ 69

A construção da estética e a atenção psicossocial 75

Saúde mental e economia solidária: um encontro
que fortaleceu a Reforma Psiquiátrica 83

por Pedro Gabriel Delgado

Referências bibliográficas 91



*Ao Instituto Franco Basaglia, por toda sua
trajetória de luta e firme decisão em contribuir
para a Reforma Psiquiátrica brasileira!*

Agradecimentos



Na trajetória do projeto **éfeito de papel!** contamos com o apoio de muitas pessoas que nos acompanharam e passaram a fazer parte também da nossa história. Queremos nomear estes colaboradores e amigos que, de uma forma ou de outra, se juntaram a esta ideia de contribuir para a consolidação de práticas criativas voltadas para a ampliação das formas de cuidado em saúde mental.

Assim, nossos agradecimentos para as gestoras do Programa Petrobras Desenvolvimento & Cidadania, Maria Cristina Costa e Ellen Soares; aos gestores municipais à época de implantação projeto, Hugo Fagundes, Madalena Libério e Teresa Monnerat, aos gestores atuais, Leonardo Araújo, Margarete Araújo e Pollyanna Ferrari; às equipes técnicas dos CAPS que abraçaram a ideia das oficinas do **éfeito de papel!**: Marta Macedo, Karine Mira Russano, Ester Menezes, Francileuda Bruguer, Deise Loureiro, Patricia Fernandes, Adriana Barbosa, Aldine Marinho, Claudia Regina Menezes, Luciana Cerqueira, Abmael Alves, Marcia Cristina Souza, Dayse d'Almeida, Tânia Cerqueira, Mônica Xavier, Deise Sant'Ana, Ester Menezes, Alessandra Bustamante e Marluci Rocha.

Aos alunos que tornaram o projeto um campo de prática e reflexão, Alexandre Maciel Guedes, Aline Paloma Duarte de Macedo, Ana Patrícia Oliveira, Carla Andressa Pedron, Dulce de Barros Gaspar, Elida Felipes de Miranda, Ester Stephany da Costa Antunes, Marcio Ricardo dos Santos de Souza, Maria Luiza Pereira de Souza e Viviane Pinto de Carvalho, Agnes Oliveira da Silva, Angelica Menchini, Lucas Moratelli, Gislane Alves, Barbara Luisa Lima, Elaine Pontes, Adriana Nunes e Tássia Rosa Cassé da Silva.

Aos colaboradores diretos que contribuíram para o bom andamento das ações: Adriano Lima, Esther Arotchas, Amauri Amaral, Daniel Mucciolo, Poliana Netto e Luciana Barcellos.

Aos artistas plásticos que contribuíram com suas artes para a qualificação da produção artesanal: Luiza Tostes, Ludmila Pontes, Moema Branquinho, Cida Mansur e, em especial a Ana Cristina Maciel que vem acompanhando as oficinas, incentivando a todos ao trabalho artesanal de forma criativa e participativa.

À artista plástica Ivone R., que, a partir de sua obra, tem sido uma fonte inspiradora para a criação das peças artesanais e uma importante colaboradora voluntária do projeto. Assim como agradecemos ao Felipe Reinheimer, que nos ajudou muito no processo de registrar em imagens algumas ações do projeto.

Ao fotógrafo Giuseppe Bizarri, pela contribuição inestimável.

Às alunas da oficina do CAPS Clarice Lispector: as senhoras Regina Pires e Áurea Guerreiro; em especial aos alunos Odacir França e Claudio Soares que muito contribuíram para o êxito das oficinas; e estendemos nossos agradecimentos a todos os alunos participantes do **éfeito de papell**, expressando aqui nossa homenagem *in memoriam* à artesã Regina Cruz.

Aos monitores das oficinas que, em um incrível trabalho de multiplicação das aprendizagens, deram e/ou continuam dando luz e força ao cotidiano das oficinas: Enoque Barbosa da Silva, Wanda da Silva Araujo, Vilma Conceição Silva de Oliveira, Lúcia de Fátima dos Santos, Josepha da Costa Batista, Agnes de Oliveira da Silva, Marcos Eduardo Santino e Rosalva Cardoso.

A todos os trabalhadores dos CAPS que se aproximaram do projeto e vêm nos apoiando ao longo desse tempo. Aos voluntários, em especial, à técnica Vera Caldas, que tem sido uma grande e persistente colaboradora das oficinas do projeto.

Com um carinho especial, queremos agradecer às artesãs D. Lúcia e D. Josepha. À D. Lucia por ter ido muito mais adiante do que nos propusemos a ensinar. E à D. Josepha por sua grande experiência em artesanato, que contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento artístico dos alunos das oficinas.

Nossos agradecimentos ao professor Pedro Gabriel Delgado, que aceitou o convite para participar desta publicação, e por seu importante trabalho de aproximação entre os campos da Saúde Mental e da Economia Solidária.

E, especialmente, a todos os diretores do Instituto Franco Basaglia, na representação de: Domingos Sávio, Lisete Vaz, Denise Corrêa e Ruth Rocha, por toda dedicação e empenho para a implantação e consolidação de uma rede de atenção psicossocial na cidade do Rio de Janeiro.

Introdução: a trajetória do projeto **éfeito de papel!**



O projeto **éfeito de papel!** consiste em um conjunto de ações voltado para a implantação de polos de produção artesanal na rede de centros de atenção psicossocial da cidade do Rio de Janeiro. O projeto está inserido no campo das ações de cidadania e ampliação do acesso de usuários e seus familiares ao mundo do trabalho. Foi desenvolvido pelo Instituto Franco Basaglia (IFB) e selecionado pelo Programa Petrobras Desenvolvimento & Cidadania, no eixo Geração de Renda e Oportunidade de Trabalho, em 2008.

O IFB é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundado em 1989 na cidade do Rio de Janeiro. Sua principal missão é contribuir para a consolidação de uma rede de atenção psicossocial, em substituição ao modelo asilar centrado no hospital psiquiátrico. Fundamenta-se na ampliação e garantia dos direitos de cidadania dos pacientes psiquiátricos. Para a consecução dos seus objetivos, o IFB tem desenvolvido a estratégia de incentivar e participar da consolidação de novos dispositivos de cuidados em saúde mental.

Estes dispositivos inovadores têm propiciado condições para ampliação e consolidação deste novo modelo de assistência, denominado

Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), que oferece serviços comunitários que trabalham com a ideia de fortalecimento dos vínculos familiares e sociais. Outra estratégia tem sido a articulação das associações de pacientes psiquiátricos e familiares vinculados aos CAPS, no sentido de fortalecer sua capacidade de auto-organização e produção de autonomia. Neste novo cenário, surgem outras demandas, tais como a do trabalho, fundamentais para gerar autonomia, aumentar a autoestima e sua capacidade de trocas sociais e simbólicas.

O projeto **éfeito de papel!** constitui-se em um conjunto de oficinas de produção de objetos artesanais em papel machê para comercialização. Essas oficinas são sediadas em CAPS do município do Rio de Janeiro e estiveram sempre abertas à participação de usuários, familiares e técnicos, mas também a outras pessoas dos serviços de saúde mental das regiões. Tendo sido inaugurado em 2009, frequentaram as oficinas do **éfeito de papel!** aproximadamente 200 alunos. Nesta etapa atual, após a finalização do patrocínio da Petrobras, temos o desafio de garantir as estratégias de sustentabilidade.

A técnica do papel machê e a dinâmica das oficinas¹



Papier mâché significa em francês papel mastigado, e a apropriação brasileira da técnica tornou-a popular pelo nome papel machê. A técnica foi desenvolvida no oriente em torno do século VIII e disseminada para a Europa no século XVIII. Ao longo do tempo teve várias adaptações e usos. Duas formas básicas compõem o repertório inicial utilizado para realização dos objetos artesanais em papel: a) tiras de papel coladas umas sobre as outras; e/ou b) massa de papel picado misturada com cola.

A técnica utilizada pelo projeto é principalmente a primeira, também chamada papietagem. Trata-se de uma sobreposição de camadas de papel com cola que quando secam ficam rígidas. Podem-se usar objetos diversos, como garrafas, sapatos ou qualquer outra forma para dar suporte ao papel a ser colado. Uma vez secas as camadas de papel, as formas podem ser retiradas, obtendo-se uma cópia oca da forma original em papel rígido. Uma vez seco, o objeto é pintado e recebe os acabamentos.

¹ Partes desse texto foram retiradas do artigo “A capa: **éfeito de papel**”. In: *Saúde Mental e arte: práticas, saberes e debates*. Paulo Amarante e Fernanda Nocam (orgs.).





*

(*) Foto de Giuseppe Bizarri.

Optamos pelo uso da cola branca para evitar que as peças mofassem depois de prontas, ou que precisássemos utilizar produtos químicos contra o mofo. Essa cola é dissolvida em água, o que faz com que tenha maior rendimento. Assim, as oficinas sempre se iniciam com a preparação da cola em tigelas dispostas em grandes mesas em torno das quais se distribuem os artesãos.

O jornal, matéria-prima básica da oficina, fica disponível em caixas para ser amassado nas formas desejadas ou colado por cima das formas criadas. Uma vez prontas as tigelas de cola, cada um escolhe o trabalho que quer fazer, podendo este ser a continuidade de objetos iniciados em oficinas passadas ou um novo trabalho.





O material básico então é papel e cola, mas sempre estão disponíveis lápis, tesoura, fita-crepe, estilete e algumas ferramentas (alicate, arame, tecido, contas, flores de plástico etc.) que foram sendo requisitadas ao longo dos quatro anos do projeto e são usadas com mais ou menos frequência. Ivone R., artista sediada na Armação dos Búzios, Rio de Janeiro, foi como uma madrinha para o projeto, tendo contribuído com ideias e apoio para seu desenvolvimento.



Peça pintada por Ivone R., a pedido de alguns artesãos.



Os artesãos têm liberdade de escolher o que querem fazer. Entretanto, algumas vezes são sugeridos objetos específicos, seja pelas oficinas, seja pelos próprios artesãos, em vista de eventos específicos ou da percepção da demanda por determinada criação. Assim, os gatos produzidos por uma das artesãs foram muito vendidos nos primeiros dois anos da oficina. Ninguém mais além da criadora original se propôs a fazê-los, o que não se deveu a nenhum tipo de pressão. No entanto, como somente a autora produzia, depois de algum tempo fazendo dessas formas as progatos, ela enveredou por outras formas.





Assim também aconteceu com os oratórios criados em um final de ano. Passado o período das festas, esses foram produzidos em menor quantidade, mas dessa forma surgiram as casinhas.





Uma linha de bonecas também foi criada de forma mais ou menos espontânea. Em determinada época, de repente percebemos que quase todas as oficinas estavam produzindo bonecas em formas, cores e tipos diferentes.



















As possibilidades de incorporação de outros materiais e a delicadeza do papel fazem com que as soluções a serem encontradas para execução dos objetos idealizados variem quase na mesma proporção da criatividade do artesão. Com essas técnicas básicas, criatividade e orientação é possível criar uma variedade imensa de objetos, utilitários ou decorativos.











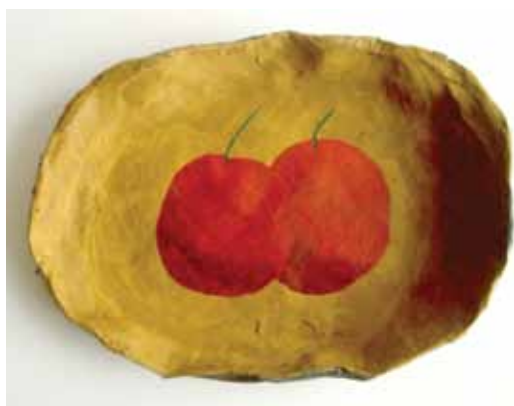






Uma característica particularmente interessante do papel machê é a de estimular o desenvolvimento de um novo olhar para coisas que fazem parte do cotidiano de cada um: a estética aplicada ao cotidiano. A capacidade de incorporar variadas formas de expressão traz consigo a possibilidade de troca entre os participantes na construção coletiva da produção. A contribuição de cada um amplia o leque de opções para a constituição de um acervo de temas e técnicas a serem transformados em objetos artesanais.







A combinação da técnica do papel machê com a tecnologia social da solidariedade possibilita ao mesmo tempo o desenvolvimento da subjetividade de cada participante e a produção de um acervo de temas a serem transformados em objetos artesanais. O trabalho coletivo nas oficinas não se trata de uma linha de montagem, mas de uma experiência de troca de informações que aliada ao trabalho de criação produz sentidos incorporados à identidade de cada participante ampliando a autonomia para além da geração de renda.

Todo este campo da artesanaria vivenciado na experiência do **éfeito de papel!** nos permitiu avançar na compreensão dos processos de trabalho que envolvem coletivos de produção em atividades artísticas e artesanais nas interfaces com a área da atenção psicossocial.



(*) Fotos de Giuseppe Bizarri.



*



*



*



*



*



*

(*) Fotos de Giuseppe Bizarri.



Memórias artesanais e processos de trabalho



O **éfeito de papel!** foi desenvolvido tendo como um de seus objetivos contribuir para a reformulação das representações acerca do louco e da loucura na sociedade. Para tanto, a participação do projeto em feiras de artesanato da saúde mental foi apenas uma das possibilidades almejadas. Entretanto, participar dos mercados de artesanato voltados para o turismo nacional, internacional e/o u o consumo interno carioca implica em lidar com exigências quanto à qualidade do material e do acabamento e preferências temáticas que nem sempre condizem com as vontades dos artesãos. Como trabalhar essas questões sem tolher a criatividade e ferir suscetibilidades foi um dos desafios do **éfeito**.

Uma das soluções encontradas foi estimular a construção conjunta dos objetos. A técnica do papel machê é relativamente simples, mas o processo todo é lento e uma peça pode levar de três a cinco semanas para ficar pronta, se for trabalhada apenas uma vez por semana.¹ Isso pode

¹ Cada CAPS ofereceu uma oficina por semana, sendo que as oficinas não se sobrepunham, isto é, cada oficina acontecia em um dia diferente. Como a divisão de renda esteve vinculada ao tempo total de participação em oficinas e à venda das peças, estimulamos os artesãos a participarem de quantas oficinas quisessem, podendo se deslocar para CAPS mais distantes de seu serviço de referência e se responsabilizar pela venda dos objetos sempre que o projeto participasse de feiras de artesanato.

gerar muita ansiedade para aqueles que estão começando a lidar com a técnica e ainda não conhecem o prazer de ver uma peça “sua” terminada. Soma-se a isso que um projeto que pretende inserir seus produtos no mercado deve prezar pelo acabamento das peças. Assim, uma das formas de minimizar a ansiedade e ainda criar as condições para se fazer comentários acerca do melhoramento dos acabamentos foi estipular que as peças não fossem de um ou outro artesão, mas que todos pudessem e devessem trabalhar em todas as peças. Essa proposta foi apresentada de forma enfática, mas deixou-se aberta a possibilidade para aqueles que preferissem trabalhar as próprias peças do começo ao fim.







Dessa forma, temos alguns artesãos com um trabalho autoral, isto é, sua linguagem pode ser reconhecida nas peças que produzem e há peças coletivas, isto é, que são produto do trabalho de vários artesãos.







A ideia de peças coletivas permite aqueles que se encarregam da orientação do fazer artístico² comentarem criticamente acerca dos acabamentos, indicando o melhor caminho para a valorização das peças nos mercados de artesanato, sem que se critique diretamente nenhum dos artesãos.

Procuramos também, ainda que tivéssemos que pensar nos critérios do mercado artesanal, reforçar a ideia de que não existe certo e errado em arte. O que existe são critérios diversos em mercados distintos, e o projeto se identificava com alguns desses mercados. Portanto, apresentar determinada forma de acabamento condizia com um tipo de público para o qual as peças foram apresentadas. Fazer diferente disso não significa fazer “errado” ou fazer “feio”, mas pode significar ter



² O projeto contou com coordenadores artísticos, multiplicadores, que são artesãos formados nas primeiras turmas do projeto, e bolsistas de graduação em Belas Artes, Arquitetura e Economia doméstica dos cursos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, através de um projeto de extensão vinculado ao **éfeito de papel!**. Todas essas pessoas estiveram encarregadas de orientar no ensino da técnica e na produção dos objetos. Os artesãos mais antigos e assíduos no projeto também foram aos poucos assumindo uma função de monitoria em relação aos novos participantes que apareceram em algumas oficinas.

mais dificuldade em vender as peças.

A ênfase na geração de renda porta contradições no campo da saúde mental. Uma vez que os usuários dos serviços de saúde mental rompem com a lógica capitalista da produtividade, não podemos contar que a geração de renda seja, para todos, um estímulo. No entanto, ainda que tenhamos trabalhado no campo da saúde mental, o projeto foi aprovado em um edital de geração de renda, o que exigiu dos coordenadores do projeto que não perdessem de vista o foco na venda dos produtos, sem descuidar das idiossincrasias dos participantes das oficinas. Por outro lado, o projeto não tinha um cunho terapêutico, *strictu sensu*. Assim, trabalhamos com a ideia de que existe um objetivo do projeto que se adéqua às condições específicas dos possíveis participantes, mas não deixamos de argumentar e questionar quando necessário acerca da produção de objetos que não tenham sido bem-recebidos nos





mercados, seja pela forma, seja pelo acabamento.

Algumas estratégias importantes foram usadas no estímulo à criatividade: uma delas foi o uso de imagens de peças de artesanato em técnicas diversas apresentadas aos artesãos, outra foi a organização de visitas a museus diversos e o estímulo à participação em feiras de artesanato como um modo de colocar essas pessoas em contato com outros tipos de artesanato produzidos no Rio de Janeiro.

Em 2010 e 2011 foram realizadas visitas ao Museu da Maré, Museu de Arte Contemporânea de Niterói, ao Projeto Arte em Ação Ambiental, ali sediado, e à Casa do Pontal. Em cada uma dessas visitas foi pedido que fizessem redações, a partir das quais podemos perceber a importância que tiveram as visitas como forma de sensibilização do olhar para uma apreensão estética de formas cotidianas e importante dispositivo de construção de subjetividade. Visitar lugares que trabalham com a reorganização estética de materiais, a transformação de formas, cores e texturas em objetos diversos é uma das maneiras mais eficazes de subverter o senso comum da experiência visual. Ver musealizado o cotidiano e a história de uma comunidade similar a da maioria dos participantes do projeto também constituiu uma experiência marcante. Essas visitas se expressam nos relatos como experiências estéti-



Visita ao Museu de Arte Contemporânea (MAC) de Niterói.



Visita ao MAC.

Museu da Maré.



Visita à Casa do Pontal.



Visita à Casa do Pontal.



8.9.2010

Museu de arte contemporânea.

Para mim foi muito bom conhecer o museu, e também atravessar a ponte e conhecer Niterói. Começo que não entendi nada das aquelas coisas que vi, me perdoie, o que me chamou atenção foi aquele quadro com aquelas folhas em branco, que me fez refletir a minha longa caminhada nesta vida e o que ainda tenho de caminhar.

Gostaria de voltar lá com minhas afetações.

O lugar é lindo.

Museu Casa do Pontal. Data: / /

Conhecer o museu casa do pontal, para mim, foi muito bom, foi uma experiência muito gratificante, pois conheci coisas belíssimas que nem sabia que existia.

Como por exemplo, museu de artesanato. Eu hoje estou me sentindo um pouco triste, pois em algumas fases da minha vida eu só queria falar de mim assim.

mas não serve para nada, e de tanto ouvir isso ainda hoje acredito que eu não sirvo para nada mesmo. mas como as coisas não mudam de um dia para o outro, eu quero acreditar que eu posso mudar e servir para alguma coisa nesta vida, claro com muito esforço e perseverança.

Quero ser sempre assim, simples mas acreditando e querendo ser melhor.

meu pai Vilmar é um exemplo para mim.

Visita ao Museu da Mare

Este museu tem uma característica bem diferente da ideia básica de museu em que se têm obras de artistas (populares ou clássicas), mas sim retratada a história de uma comunidade; como ela se iniciou e se estabeleceu; os processos sociais pelos quais passou; a vida cotidiana, de trabalhadores da construção civil, a forma como viviam, suas casas e objetos, e também as dificuldades impostas pela política do momento (décadas de 60, 70, 80 etc).

Alguns utensílios como limpador, febre quente p/ callo, bacia, eu conheci, pois minha avó e minha mãe tinham. De esta forma nos identificamos com a realidade passada mas que fez parte de nossas famílias.

Adorei esta identificação, pois acho que tem mais a ver com a nossa realidade e também adorei saber o processo histórico sobre as pessoas pois desde a colonização ouço falar da "favela da mare" e favela Nova Holanda, mas sempre só o aspecto de criminalização, o lado ruim da favela.

Museu da Maré. Data: 21/9/2010

Para mim conhecer o museu da maré foi muito bom, Voltei a minha infância ao ver ~~a~~ aquela simples casinha igual a minha quando eu tinha uns 7 a 8 anos, lembro que como só tinha Nana, a dos meus pais, eu e meus irmãos dormíamos no chão, mais eu era feliz. Conhecer o museu pra mim foi muito importante, em nenhum momento pensei de ver tantas coisas que me voltasse ao passado.

Conhecer estes lugares para mim é uma diversão e também um aprendizado, pois fazer estes passeios e fazer o curso é feito de papel para mim é muito bom e divertido, pois eu não tenho outra diversão melhor do esta. Para mim chegar ate o curso é muito difícil mais eu não desisto eu insisto, insisto pra mim é consêder

Parabens ao museu, me senti em casa pois é simbles como eu.

Desculpa os erros.

cas e de ampliação de horizontes e estímulo à criatividade.

A participação dos artesãos no processo de comercialização dos objetos artesanais que eles mesmos produzem também tem se mostrado um recurso eficaz para a construção da autoestima dos participantes. Ainda que apenas dois ou três estejam presentes em cada evento de vendas, sempre se tem o retorno quanto aos comentários e às vendas efetuadas. Trata-se, ao mesmo tempo, de colocar em contato o público comprador e os objetos produzidos e estimular uma troca com o mundo do trabalho

a partir de uma produção não alienada, isto é, o representante de venda representa a si mesmo e a sua produção artesanal. Criação e comercialização são, então, parte do mesmo processo de produção de identidades e objetos artesanais. Além da inclusão no universo do trabalho, o ofício artesanal preserva e desenvolve a identidade dos usuários e familiares,



impondo sua marca sobre o produto manual (Lima, 2003).³

Para a comercialização foram produzidos materiais de divulgação do projeto que facilitavam sua apresentação como um todo e divulgavam as histórias escritas pelos artesãos sobre as peças que eles mesmos



³ Ricardo Gomes Lima. Cultura popular e educação. PGM 4 – Engenho e arte. In: *Boletim RedeBrasil*, 2003.

Incluindo todos

Um grupo de artesãos de todas as regiões do Nordeste: Ceará, Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe e Bahia, se uniram para produzir artesanato sustentável e socialmente responsável. O resultado é o artesanato sustentável, que não apenas produz objetos de arte, mas também promove o desenvolvimento econômico e social das comunidades locais.

Objetos que têm histórias

Cada objeto tem uma história, um significado, um valor. É importante preservar a memória e a tradição, mas também é necessário inovar e criar novos produtos. O artesanato sustentável é aquele que respeita o meio ambiente, utiliza materiais locais e promove o desenvolvimento econômico e social das comunidades locais.

A Conferência

Fora do Brasil, em 2010, a Conferência de Artesãos do Nordeste foi realizada em São Paulo. O objetivo era promover o artesanato sustentável e o desenvolvimento econômico e social das comunidades locais. A conferência foi muito bem-sucedida e resultou na criação do Conselho Nacional de Artesãos do Nordeste (CONANOR).

éfeito de papel

IPFB

Implicando de guias de produção sustentável com Certificação Ambiental, C.A.P.S., Código de Boa Prática.

isto é incrível!

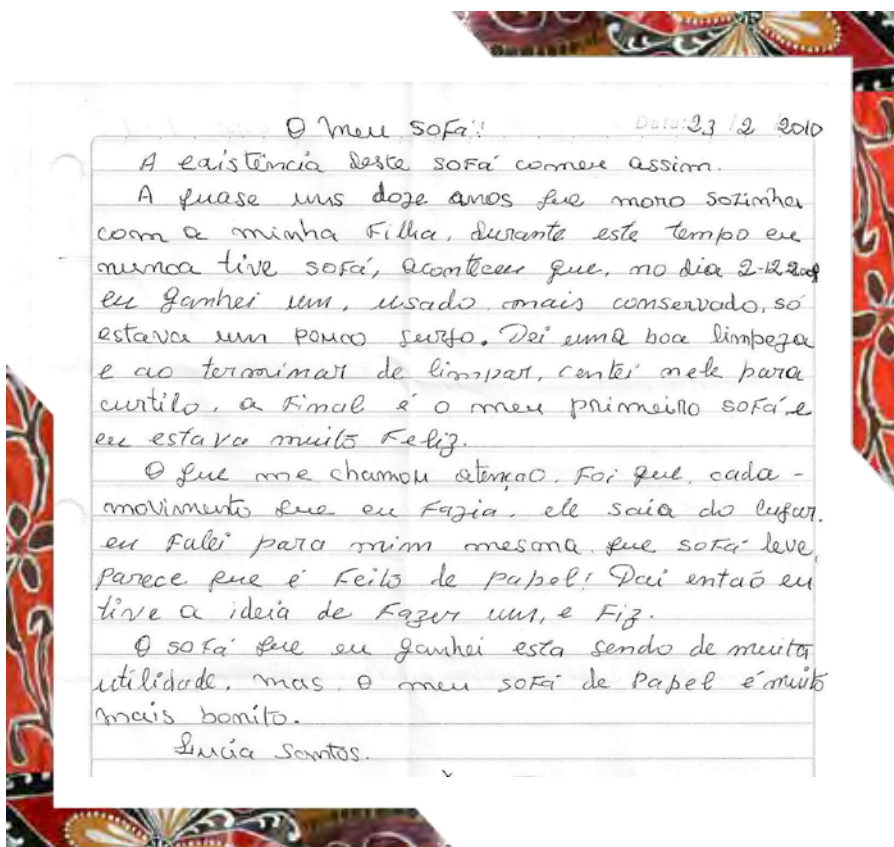
éfeito de papel!

produziram (sobre essas estórias, ver próximo capítulo).

A participação da comunidade de saúde mental se deu através de reuniões nas quais se decidiram as diretrizes do projeto, tendo por objetivo a apropriação dos usuários do espaço de qualificação e da produção. Esperamos com isso que a experiência do trabalho permita aos usuários e familiares ressignificarem suas vidas, caminhando em direção a cada vez mais autonomia.

Pequenas estórias, grandes aprendizados

Os participantes foram estimulados a contar estórias das peças criadas nas oficinas do projeto. Algumas dessas estórias foram usadas no material de divulgação, outras se tornaram uma forma de conhecer um pouco mais sobre cada um dos artesãos.



De repente me vi sendo criada de uma caixa de leite varia, jornais, selhos e cola!..

Logo tudo fizeram de mim uma coruja!

Enquanto eu era feita fui vendo que amigos de minha criadora, também estavam fazendo outros animais, como tartarugas rapos, e outras coisas mais...

E como minha amiga, sou uma observadora, e a cada tira de jornais e cola que iam sendo usadas, ficava surpresa com tudo o que estava acontecendo!

Na verdade estávamos nascendo!..

Pelos nossos criadores ganhámos coloridos, e estamos todos bonitos, e maravilhados, e a cada pessoa que nos vê, nós em silêncio gritamos...

Efeito de papel!

Rio de Janeiro 08 de outubro
2009

Júlia de Cota Fajardo



Alguém entrou na sala
e disse...

— Quem fez esta perereca?

Foi como se o mundo
estivesse caído em cima
de mim! Minha reação foi
pular em cima de quem me
chamou de perereca...

Com o susto fiquei mais
parada do que estava... e
muda, mundinha!..

Afinal eu era uma "Sapa"
feita de papel machê, e
estava no Projeto Espírito de Papel,
representando a Josephá.

Cheguei toda feliz com um lindo
liquini de bolinhas e um chapéu
florido, pensando em tudo de bom!

Mas, o meu sonho foi por água
abaixo quando me chamaram de
perereca... E de modo perjurativo!..

Quem me acalmou, mesmo foi
um lagarto verde que estava perto e
me convidou para sentar num lindo
sofá vermelho...

Beu!.. a males que vem para
o bem...

Hoje estamos namorando e
vamos levar para o nosso lar
o sofá vermelho!..

Josephá

Rio 20 de Janeiro 2010



oi

Eu sou tiaõ, tudo bem? Todos responderam tudo e mais agora com a sua beleza e seta bem vindo, obrigada.

Boom, eu vou falar para vocês um pouco de mim. Eu ^{fui} gerado em um processo muito delicado. Fui muito apertado, amassado e pincelado com as cores da primeira vida, mais também muito esperado e amado. No início dei um pouco de trabalho, mais com paciência eu fui me formando, e então eu surgiu.

Lindo, vocês não acham? Sim todos responderam. Eu sou jovem, como posso falar pra vocês, um jovem alegre e feliz sabe porque? eu me amo, mas quero falar para vocês uma coisa, e que por traz dessa minha alegria e beleza, existe uma estrutura de deus firmeza e meu corpo esbelto e sarado.

Gente é Feito de Papel.

E todos responderam, isto é incrível.

Fim.

30-10-09 Lucia

Fotusco.

Data: 9/9/2010

Um dia alguém acreditou que eu poderia existir, e enfrente eu era feito, me diverti muito, pulava daqui, pulava dali e não ficava quieto. # te que minha Criadora falou... Fotusco ficou quieto para eu poder te moldar. ai então eu fiz esta pose, e não sei mais trabalho porque eu estava muito vomito, ou melhor estou lindo, que até estar me chamo um fato.

E você, gostou? então me leve para a sua casa, prometo não fazer bagunça, só apenas fazer parte da sua decoração.

Vou falar um segredo só para você não conte para ninguém
sou feito de papel.

Lucia Santos



Namorro no brejo!

Eu Beto, quando conheci a mila, logo me apaixonei, e as vezes me sinto muito infeliz. Quando estou longe dela, pois o amor que sinto por ela é muito forte.

Fico muito emocionado quando lembro da nossa existência, de apenas alguns pedaços de papel, e de um pouco de cola formamos um bolo de massa e daí fomos feitos, e passamos a existir.

Sou suspeito a Kalari, mas me acho um gato, e a minha mila, ~~fico~~ é um espetáculo, vocês não acham? Nosso namoro vai de casamento e seremos felizes para sempre, afinal fomos feitos um para o outro. Todos estão convidados. Beto e mila. El Simão



O projeto no campo da extensão: UFRRJ e IFRJ



Um dos principais desdobramentos do projeto **éfeito de papel!** tem sido a parceria constituída com universidades públicas ensejando a sua entrada no campo da extensão universitária. Logo no primeiro ano do projeto estabelecemos uma parceria com a Pró-Reitoria de extensão da UFRRJ, permitindo a participação de alunos dos cursos de artes, arquitetura, economia doméstica e psicologia. Desta etapa, tiveram contato com o projeto em torno de trinta alunos de graduação, como bolsistas de extensão ou interessados em conhecer o projeto e/ou transformar a saúde mental em tema de investigação.

Entre os alunos de ciências sociais, duas tomaram a saúde mental como tema de investigação. No Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRRJ,¹ uma aluna desenvolve atualmente sua dissertação sobre o projeto e, no mestrado em antropologia da UFF, um aluno recentemente defendeu sua dissertação sobre o tema da saúde mental usando o projeto **éfeito de papel!** como contraponto para a

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

discussão de certas dimensões da relação entre arte e saúde mental, a partir da perspectiva histórica de comparação entre o trabalho de Nise da Silveira e as discussões da Reforma Psiquiátrica.

A parceria com a Pró-Reitoria de Extensão do IFRJ² possibilitou a participação de alunos bolsistas dos cursos de graduação em Terapia Ocupacional, Fisioterapia e Farmácia, por dois anos consecutivos. O projeto tem sido apoiado pelo Programa de Saúde Mental e Economia Solidária do IFRJ/Campus Realengo, criando condições para que haja uma aproximação maior entre os universos formativos destes alunos e o campo dos direitos sociais nas interfaces com o tema da saúde mental.

Entre as experiências desses alunos, dois estão tomando o **éfeito de papel!** como um campo de reflexão para a construção dos seus trabalhos de conclusão de curso (TCC), adensando ainda mais as contribuições do projeto para a ampliação do conhecimento em torno da complexidade do acesso ao mundo do trabalho para este público formado por usuários da rede de saúde mental. A coordenadora artística do projeto também publicou diversos artigos refletindo sobre algumas dimensões dessa relação, tomando sua experiência no **éfeito de papel!** como suporte empírico para suas reflexões.³

Para os alunos extensionistas foi estabelecido um sistema de avaliação no qual estavam comprometidos a enviar relatórios semanais das oficinas das quais participavam. Esses relatórios eram comentados, servindo como guia de orientação e condução das ações dos estudantes junto a estas oficinas.

A seguir, alguns fragmentos dos relatórios:

Trechos de relatórios de Lucas Moratelli

Uma surpresa para nós, digo nós porque a Patrícia comentou comigo que também notou, foi a Dona Wanda. Ela sempre estava

² Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

³ Reinheimer, 2009; 2010; 2011; 2012; 2013 (no prelo).

conosco nas oficinas, mas quase nunca fazia algo. Acredito que a primeira vez que ela ajudou foi quando estávamos envolvidos no término da grande Girafa começada pela Mônica, mas foi uma ajuda bem rápida sem grandes proporções, após isso pegou algumas peças, mas não havia terminado nada de fato. Contudo, nesta quinta-feira ela mostrou ter uma grande desenvoltura com o material e terminou diversas peças inacabadas da oficina. Foi uma boa surpresa.

Quando a Dona Lúcia chegou mostrou a todos as peças feitas em casa por ela. Um galo e um pato com linhas simplificadas que chamaram a atenção de todos pela forma e pelo movimento que tinham. O galo que parecia ter um pouco do estilo do galo português, mas tinha linhas mais ousadas e simétricas, foi elogiado por todos.

Durante a oficina as coisas aconteceram normalmente, algumas pessoas continuaram a trabalhar em suas peças e outros pintaram algumas peças já prontas de branco para que recebam pintura na próxima semana.

Após arrumar a mesa e todos os materiais, eu e os participantes pegamos jornal e suas peças para que eles continuassem a trabalhar. No início só duas senhoras estavam na sala e elas não precisaram de muita ajuda para iniciar o trabalho. Pouco tempo depois a D. Josefa chegou e começou a me ajudar com os usuários que também chegavam. Diferentemente dos outros CAPS, neste, os participantes são muito dependentes da ajuda dos coordenadores e tem um ritmo muito lento de trabalho. A Beth é um dos exemplos disso, ela chegou cedo e pegou o sapo em que estava trabalhando, quando eu perguntei se ela sabia o que fazer com o jornal e com a cola, ela disse que sim, porém, quando começou realmente a manusear os dois percebi que tinha muita dificuldade. Então fui mostrar a ela como fazer sem jogar tanta cola em cima da mesa e com mais facilidade, mas durante toda a oficina eu precisei voltar para lembrá-la do que eu havia dito.

Trechos de relatórios de Gislane Alves

Os alunos continuaram seus respectivos trabalhos. Edilaine em sua obra resolveu inovar, enquanto outros usavam jornal, ela resolveu usar papel de encarte, tornando assim a obra mais lisa, não colando na mão como no jornal. D. Cléa se apresentou muito esforçada e concentrada em sua criação. Estava fazendo um ótimo trabalho. Ivan, durante o tempo de sua produção, se apresentava bastante comunicativo, às vezes até fugindo um pouco do momento em questão, falando de assuntos que não tinham nada a ver, porém em nenhum instante deixou de produzir sua obra. Marcos estava bastante concentrado, em nenhum momento conversou.

Marcos demonstrou um pouco de dificuldade para concluir a peça que havia começado em casa... Ele tem um pouco de dificuldade em certas partes do processo, mas nada que o impeça de desenvolver a técnica. Acho que ele evoluiu muito, pois está fazendo peças com grau de dificuldade bastante elevado.

Trechos de relatórios de Aline Paloma Duarte de Macêdo

Desde o início o público participante era grande, alguns mais envolvidos que outros nas confecções das peças. Alguns mais calmos e detalhistas, outros mais apressados, mas todos contribuindo de acordo com suas limitações. Sempre muito atenciosos e prestativos.

Algumas pessoas se ausentavam por um tempo. Novas chegavam para participar. Era sempre bem agitado. Eu via claramente o quanto estar ali, participando da criação de peças para venda, era importante para eles. O fato de ser um projeto de economia solidária e geração de renda é uma forma muito importante de reinseri-los no mercado de trabalho, de serem vistos na sociedade como artesãos, artistas. É isso que percebo: muitos ali são artistas.

O tempo foi passando, nos tornamos mais próximos. Era muito bom chegar lá pela manhã e ver que já estavam alguns ali, com o sorriso no rosto esperando o início da oficina. Alguns já fazendo

planos para o dinheiro que iriam receber. Esse tempo que estive no Linda foi muito enriquecedor. Ver pessoas que antes eram mais reservadas e mais tímidas chegarem no meu último dia lá e dizerem que iriam sentir minha falta. Que era para não esquecê-los. Irei lembrar sempre das sextas pela manhã que estive lá. Foi muito importante na minha formação, uma forma de olhar para o outro com mais compreensão, buscando entender.

Trechos de relatórios de Viviane Pinto de Carvalho

...com efeito minhas impressões são totalmente diferentes do que eu percebi no início da oficina, momento em que estava coberta de pressupostos relativos a própria saúde mental. Me questionava a respeito da possibilidade da formação de um trabalho coletivo tão complexo como é feito a partir da economia solidária, que tem seus fundamentos no esforço coletivo.

Mas, no decorrer da oficina a despeito das limitações, descobri-me envolvida em um grupo repleto de vontade de aprender, de participar e de colaborar um com o outro. Até mesmo o participante mais limitado demonstra seu esforço na confecção de sua peça, sempre preocupado com seus erros e acertos. O grupo se tornou constante e assíduo e sempre receptivo...

Eu me pergunto como seria possível a quebra da barreira que separa esta sociedade das pessoas da saúde mental em si, e como é importante para quem fez a peça que alguém compre e dê valor ao seu trabalho... Apesar dessas indagações internas tenho aprendido como o trabalho coletivo modifica o ambiente e transforma as pessoas, dando sentido e significado.

Trechos de relatórios de Ana Patricia de Oliveira Magalhães

Após algum tempo de participação e trabalho, propus aos pacientes um mutirão para restauração destas peças, com os seguintes objetivos: aproveitamento das peças; valorização e continuidade do

trabalho iniciado por outros pacientes egressos; escoamento dessas peças; e formação de um estoque para as oportunidades de venda que surgirem. No dia proposto para essa atividade, todos os participantes compareceram e contribuíram. Até mesmo outros pacientes e funcionários quiseram participar. Solicitei, junto à equipe, nossa transferência para a sala onde ficavam estocados os materiais, com o objetivo de proporcionar maior dinâmica e um melhor rendimento na oficina. A equipe prontamente autorizou e nos mudamos para este espaço um pouco tumultuado ainda, mas todos se adaptaram bem.

Registra-se também a importância deste grupo de estudantes ter acesso, em sua formação profissional, ao campo da saúde mental. Percebe-se, claramente, a partir dos seus relatos, o quanto a convivência com os usuários e seus familiares nas oficinas de artesanato permite uma nova resignificação da loucura e do louco, desconstruindo barreiras e preconceitos. Acreditamos que a experiência no projeto **éfeito de papel!** se constitui como um elemento facilitador da inclusão social, uma vez que esse alunos tornam-se mais próximos das pessoas que vivem sob o estigma da doença mental.

A construção da estética e atenção psicossocial



A estética que se institui na saúde mental a partir do recurso às manifestações artísticas é de uma diferença que se constitui através de sua semelhança com uma categoria social marginalizada, porque construída com base em normas de comportamento excêntricas, excepcionais, por simbolizarem uma dimensão social que não se deixou aprisionar pelas regras do sistema de produção capitalista. Em termos de representação, as manifestações artísticas são a esfera que desafia a alienação do trabalho, produz tanto valor de troca como valor estético e pode, ao mesmo tempo, fazer com que os usuários se realizem emocionalmente, sentindo-se responsáveis por suas obras.

No fenômeno artístico, a autenticidade, um dos cânones da modernidade, se expressa através da subjetividade na interpretação do mundo e expressão nas obras. Entretanto, a tentativa de fugir da compreensão desse fenômeno como meramente subjetivo, coloca em jogo a ideia de valores estéticos universais que podem ser sociologicamente compreendidos em termos de exigências de mercado. Nessa concepção de uma universalidade, é a noção de uma *sensibilidade* especificamente artística, e não valores morais, sociais, religiosos ou intelectuais, que é

acionada como critério fundamental na economia do fenômeno artístico. *Liberdade e criatividade*, tomadas como valores essenciais para a realização artística, são as principais categorias acionadas como forma de substantivar essas exigências.

Atualmente, a relação entre arte e loucura passa em grande medida pela apropriação das representações instituídas na modernidade artística em relação ao artista criador – singularidade, excentricidade, intermitência, dúvida, sensibilidade, criatividade –, como estratégia de reformulação das representações sociais sobre a loucura. Essa relação, arte e loucura, é a faceta mais visível e glamorosa do processo de transformação dos recursos clínicos e sociais da Reforma Psiquiátrica. Mudaram as relações do campo da saúde mental com as manifestações artísticas: de estratégias terapêuticas, as atividades de criação passaram a ser mais um dispositivo de reivindicação social. Os desafios desse processo têm apontado, tanto na esfera da clínica como no plano das reivindicações jurídicas, para a elaboração de formas de ação que ampliem a construção de parcerias com as comunidades mais amplas, das quais os usuários dos serviços de saúde mental participam.

A “geração de renda” tem sido uma das maneiras através das quais os debates sobre a Reforma Psiquiátrica procuram reivindicar a participação dos usuários dos serviços de saúde mental em algumas das esferas em que o sofrimento psiquiátrico se impõe: na dimensão econômica e na de uma atividade que represente compromisso, responsabilidade e/ou uma função social para esses atores sociais. Um dos principais artefatos produzidos para comercialização na saúde mental tem sido o chamado “artesanato”.

Observando a produção artesanal realizada por indivíduos ou grupos, como comunidades tradicionais e/ou grupos étnicos, esta tem se apresentado como um contraponto ao fenômeno mais amplo de estetização do mundo social, tendo as reivindicações de pertencimento identitário andado lado a lado com um processo de mercantilização dos fenômenos sociais. O artesanato tem sido também identificado como uma parte importante da economia informal, tendo como um de seus sentidos o de se contrapor à homogeneização cultural atribuída a

certas dimensões da globalização dos processos de produção. A produção de artefatos manufaturados por indivíduos ou grupos tem sido então considerada importante fonte de renda, assim como de referenciais identitários, por isso tem sido amplamente aproveitada, inclusive pelo potencial de atração turística.

Essas dimensões sociais, econômicas e identitárias têm se conjugado para o incremento do investimento na regulamentação e mapeamento dessa produção, como é possível empreender da justificativa do relatório do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) para a área de artesanato, em 2010. Entretanto, quando nos atemos ao campo dos empreendimentos solidários e da redescritção destas dimensões sociais e econômicas pela via da Economia Solidária (Singer, 2000), abre-se outro universo de discussão e apropriação dos espaços de produção artesanal. Tomando nosso tema de reflexão, uma pergunta que poderíamos fazer é: que referências estéticas emergem em um contexto de atenção psicossocial?

O valor atribuído à produção artesanal ou à “cultura popular” está intimamente relacionado às representações acerca do grupo produtor dos objetos. As expressões artesanais são importantes dispositivos demarcadores de fronteiras identitárias dos grupos que os produzem. Luiz Fernando Dias Duarte chamou atenção para a “associação da atividade artística com uma qualidade de verdade subjetiva, chamada de ‘autenticidade’, que tanto pode se expressar no plano pessoal, do artista criador, quanto no plano coletivo, da expressão de uma ‘alma nacional’” (Duarte, 2013), ou de uma identidade regional.¹ Os territórios, o material e o modo de fabricação são elementos nos quais a identidade e, por consequência, a ideia de *autenticidade* dos grupos podem ser construídas.

Muitas populações marginalizadas, assim como aquelas que constroem suas identidades a partir de seus pertencimentos de classe, regionais ou religiosos, têm nos objetos artesanais representações ao mesmo

¹ Cf. Dias, 2007 e Travassos, 1997, como alguns exemplos. Bourdieu (2000) discute a performatividade dos discursos que pretendem descrever as identidades regionais. Descrever os processos a partir dos quais os grupos reconhecem-se através de objetos e expressões artísticas e culturais é então também uma forma de contribuir para a construção das representações identitárias desses grupos.

tempo simbólicas e concretas dessas identidades coletivas. Configura-se então um processo de transmissão, mas também de construção das identidades através dos objetos e expressões culturais: as identidades são transmitidas e mesmo em parte construídas pelos objetos e expressões dos grupos, mas essas identidades também contribuem para a valorização desses mesmos objetos e expressões.²

Ao contrário das categorias de atores que fundam suas identidades em uma trajetória (histórica e determinada por múltiplos fatores) e uma origem (que pode ser primordial e individual, mas que também é traduzida em saberes e narrativas aos quais vem se acoplar),³ os usuários dos serviços de saúde mental não compartilham nem trajetórias nem origem comum ou imaginada. É possível identificar, em algumas linhas de trabalho na saúde mental, processos de construção de identidade para a loucura que se pautam na ideia de uma *sensibilidade* particular relacionada aos transtornos psiquiátricos.⁴ No entanto, é controversa a ideia de uma identidade coletiva dos usuários dos serviços de saúde mental, para além do fato de que são pessoas que, em algum momento de suas vidas, se veem acometidas por algum tipo de perturbação psiquiátrica que interfere em suas carreiras morais.

A identidade dos “usuários dos serviços de saúde mental” sempre foi uma atribuição dada por outros, ainda que os próprios interiorizem as representações estigmatizadas a eles imputadas. “Usuário dos serviços de saúde mental”, “paciente psiquiátrico”, “doente mental”, “alienado”, “louco”, “psicótico”, “portador de sofrimento psíquico grave” e “cliente” são algumas das terminologias que são ou já foram usadas para designar esses atores sociais. Cada uma delas reflete concepções históricas específicas do fenômeno. O termo maluco é a única categoria autoatribuída, ainda assim usada algumas vezes de forma depreciativa. Por isso, essa

² Ver Dias, 2013.

³ João Pacheco de Oliveira chama atenção para os processos de emergência étnica nos quais a atualização histórica não anula o sentimento de referência à origem, sendo “da resolução simbólica e coletiva dessa contradição que decorre a força política e emocional da etnicidade” (Oliveira, 1998:64).

⁴ Essa é uma possibilidade de leitura de iniciativas com o edital “Loucos pela Diversidade da diversidade da loucura à identidade da cultura”.

não é uma categoria identitária reconhecida por todos os usuários dos serviços, já que uma das reivindicações referentes à saúde mental é a transformação das representações sobre o “louco” e a desconstrução de um estereótipo que passa também pelo questionamento das classificações nosológicas e da totalização de uma grande quantidade de transtornos, desde dificuldades alimentares até psicoses, em uma categoria única: louco, ou maluco.

Assim, a dimensão simbólica do artesanato produzido pela “comunidade de saúde mental” não diz respeito à transmissão de uma identidade, mas a esferas de reivindicação quanto à transformação da rede de profissionais e instituições de cuidado, a reformulação das legislações que incidem sobre os usuários dos serviços e aos próprios serviços aos quais se recorre em caso de acometimento de algum tipo de transtorno físico-moral relacionado ao campo psi.⁵

O artesanato produzido por esses atores sociais possui, então, quase que estritamente, a dimensão concreta das representações estéticas, isto é, classificações construídas pelo olhar externo em função de um valor de troca. Soma-se a isso o fato da produção artística entre os usuários dos serviços de saúde mental vir se construindo, desde principalmente o século XIX, a partir, majoritariamente, de uma associação da loucura com as artes plásticas. A trajetória de Van Gogh sendo o exemplo paradigmático. Assim, a representação sobre a loucura dota a produção artesanal dos usuários dos serviços de saúde mental de atributos para ingressar no campo da singularidade, mas não das atribuições necessárias para participar da esfera legítima da produção artesanal consagrada às chamadas “comunidades tradicionais”, ou seja, da dimensão mais consagrada da “cultura popular”.

⁵ A noção de “perturbações físico-morais” está relacionada à ideia de distúrbios ou acontecimentos que envolvam ou afetem além da corporalidade das pessoas, sua vida moral, seus sentimentos e sua autorrepresentação. Refiro-me aqui especificamente aos transtornos relacionados ao campo psi – termo cunhado por Jane Russo (2002) para falar do surgimento, institucionalização e oficialização das profissões, crenças, teorias e práticas psiquiátricas, psicanalíticas e psicológicas no Brasil – por oposição aos outros exemplos dessa categoria de fenômeno, como aqueles relacionados à “reprodução” e “contracepção”, passíveis de implicar moralmente as pessoas por eles afetados e, nesse sentido, poderem ser incluídos no horizonte analítico das perturbações físico-morais (Duarte, 2003).

Isso pode ser depreendido a partir de duas experiências: a primeira diz respeito a uma loja visitada onde se pretendia deixar objetos artesanais em consignação. Argumentando seu desinteresse em ficar com o material, a proprietária alegou que a produção era “infantil” (categoria usada por ela).

A trajetória dessa proprietária é contada no *website* da loja. Os relatos chamados “diários de viagem” indicam um conhecimento adquirido através do encontro direto com os grupos produtores dos objetos vendidos na loja. Entretanto, em seu depoimento, declara que seu conhecimento inicial foi adquirido através de livros e museus. Assim, sua escolha dos produtores e produtos a serem oferecidos em sua loja é devedora não do contato direto com esses grupos, mas de uma avaliação prévia feita por pesquisadores e legitimada por instituições museais.

É a partir desse contato que a proprietária declarou também trabalhar com artesãos que têm “vínculo estrito com a cultura popular”. Faz parte da representação que essa proprietária nutre e reproduz através de sua loja a ideia de que o conhecimento das técnicas artesanais seja desenvolvido do “aprendizado através dos ensinamentos hereditários e cria[do] pela incrível magia da necessidade de criar”.

Por um lado, o *dom* aparece como algo hereditário, que não se aprende, mas que é proveniente de uma *sensibilidade* para a criação que se transmite de pai ou mãe para filha ou filho. Por outro, há uma separação entre a dimensão da sensibilidade e a esfera econômica frequentemente associada ao campo artístico, no qual a representação vigente é de que se cria por necessidade de criar, e não de vender. A criação nesse contexto aparece como parte de certa tradição familiar ou comunitária, livre dos constrangimentos de mercado.

A “Sala do Artista Popular (SAP)”, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, foi outro espaço no qual os objetos artesanais foram apresentados. A comunicação com essa instituição foi feita através de e-mail, no qual os objetos artesanais foram apresentados e foi sugerida sua incorporação na sala destinada ao artista popular no museu. A resposta foi simpática, mas firme: “achei muito interessante [o material enviado por e-mail]. No entanto, não é o caso da SAP, que, cada vez mais, tem privilegiado os trabalhos de comunidades tradicionais”.

Na SAP já foram expostos produtores e produtos diversos, tais como: ovos escritos, poemas imagéticos; capim dourado: costuras e trançados do Jalapão; ladrilhos imagens do São Francisco; Willi de Carvalho: grandes miniaturas; vozes do imaginário: escultores em madeira de Sergipe; impressões dos Borges: a xilogravura de Bezerros; Maragogipinho e a tradição do barro; trançados e entalhes de Novo Airão; Boa-noite: bordados da ilha de Ferro, entre muitos outros. Essa sala parece lidar com os processos da cultura popular, assim como com os objetos dessa cultura e as dinâmicas de transmissão, criação e renovação de conhecimentos tradicionais.

Assim, a produção artesanal, em termos de representação, está associada ao pertencimento comunitário, à tradição e à transmissão cultural. O valor atribuído à produção artesanal ou à “cultura popular” está intimamente relacionado às representações acerca do grupo produtor dos objetos. As expressões artesanais são dispositivos demarcadores de fronteiras identitárias dos grupos que os produzem.

Muitos grupos têm nos objetos, na transmissão dos processos e nos próprios processos artesanais representações ao mesmo tempo simbólicas e concretas de suas identidades sociais. Essas identidades são assim transmitidas ao mesmo tempo que construídas através dos objetos e das expressões artesanais.

Ao contrário, o artesanato produzido pelos usuários dos serviços de saúde mental é visto a partir de critérios estéticos e de critérios sociais. Os atores vinculados à luta antimanicomial percebem a produção artesanal como um dispositivo de luta; aqueles que não compartilham desse movimento observam esses objetos a partir das classificações construídas em função de um valor de troca.

Soma-se a isso o fato de que as representações acerca da produção artesanal estão, em geral, relacionadas a uma conformidade com as normas sociais, já que se trata da reprodução dos valores da comunidade. Isso é uma contradição com as representações acerca dos transtornos psiquiátricos tomados, em seu sentido moral, como uma forma de revolta contra os cânones vigentes. Assim, o recurso à produção artesanal contrapõe-se simetricamente à representação que vincula a loucura

ao paradigma do artista moderno. Essas contradições, entretanto, não impediram que o projeto **éfeito de papel!** fosse um sucesso em termos do desenvolvimento das subjetividades de seus participantes.

Importante frisar, entretanto, que estas subjetividades vinculadas ao universo da produção artesanal no campo da saúde mental estão interligadas, como afirmado acima, a um movimento de lutas reivindicatórias, sendo o direito ao trabalho uma dessas lutas em busca de emancipação.

Nesta dimensão de luta política por espaços de reconhecimento social, os sujeitos chamados a essa produção artesanal vão construindo a própria estética, para a qual podemos indicar alguns processos associados: identifica-se uma tensão entre a produção coletiva e a produção individual, o acesso ao mundo do trabalho sofre importante restrição e o acesso aos recursos de qualificação artística também são escassos no campo da saúde mental.

É neste sentido que o campo da atenção psicossocial, que pressupõe uma complexidade de múltiplos fatores biopsicossociais na compreensão dos processos saúde-doença, exige também um conjunto de intervenções diversificadas voltadas para o cuidado em saúde mental. Desta forma, podemos também afirmar que a construção estética na atenção psicossocial se vincula aos processos de ampliação de cidadania e emancipação.

Contudo, a questão fundamental é que, se temos o paradigma da atenção psicossocial que rege a lógica da constituição dos novos serviços em saúde mental, por substituição ao da lógica asilar, podemos constatar que ainda são necessários muitos outros recursos sociais e tecnológicos para que o cuidado oferecido pela rede de atenção psicossocial seja capaz de ampliar o acesso aos direitos sociais.

Do projeto **éfeito de papel!** fica a proposta da construção de outra estética em saúde mental, que reconfigure os usuários e seus familiares no campo da cidadania plena, reconstruindo novos cenários de vida, incorporando novas práticas discursivas no “cuidar” em saúde mental. É a nossa contribuição!

Saúde mental e economia solidária: um encontro que fortaleceu a Reforma Psiquiátrica

Pedro Gabriel Delgado¹

Desde que se constituiu o campo da Psiquiatria, que levou dois séculos para transformar-se no que hoje chamamos de Atenção Psicossocial, o tema do trabalho humano é um personagem central. O “tratamento moral” de Pinel e Esquirol, entre o final do século XVIII e a metade do século XIX, era realizado por meio de atividades, fossem elas disciplinares ou edificantes ou punitivas, muito semelhantes a tarefas laborais; era, de certa forma, um trabalho. No início do século XX, a ideia de que o trabalho ajudava a curar a loucura era um consenso entre os alienistas, e gerou a política das Colônias de Alienados (Juquery, cujos pavilhões foram em parte edificados com o trabalho manual dos próprios alienados, e a Colônia Juliano Moreira, para o trabalho agrícola, são exemplos marcantes no Brasil). *Praxis omnia vincit*: está lá, no pórtico da Colônia em Jacarepaguá, esta frase desconcertante, pois se tratava de uma práxis manual, rude, realizada duramente por alienados sem escolha ou tempo livre.

¹ Psiquiatra, professor da Faculdade de Medicina e Instituto de Psiquiatria da UFRJ, foi coordenador nacional da Política de Saúde Mental e Álcool e outras drogas no período de 2000 a 2010.

Depois, ali pelos anos 1920, foi se desenhando uma concepção mais elaborada de “reabilitação pelo trabalho”, com o desenvolvimento de técnicas de *laborterapia*, cujo autor canônico é Hermann Simon, em que se atribuía *de fato* ao trabalho, na forma de práticas laborais supervisionadas, uma função terapêutica para as doenças mentais. Esta concepção ainda está presente, de modos diversos, nas instituições de saúde mental.

Entretanto... Sim, entretanto, foi na esteira das iniciativas de praxiterapia no interior de espaços institucionais (em geral fechados e asilares) que se construiu a crítica do asilamento e da matriz do tratamento moral. François Tosquelles, na França e Catalunha, e Luiz Cerqueira (que deu nome ao nosso primeiro CAPS), no Brasil, nomeavam suas intervenções institucionais de *praxiterapia*. No caso de Tosquelles, referência obrigatória do movimento anti-institucionalista que está na origem da Reforma Psiquiátrica no mundo, a *psicoterapia institucional* que se associa a seu nome foi a designação de um processo que revolucionou as práticas terapêuticas asilares, iniciando um movimento, sem volta, de crítica e substituição da psiquiatria institucional. Tudo isto para dizer que o trabalho foi compreendido e praticado de maneiras muito diversas na história da construção do campo da Psiquiatria.

Mas foi necessário abandonar com mais ênfase a ideia de que o trabalho é terapêutico para se elaborar o novo paradigma da construção da autonomia do louco. O trabalho é um elemento de sociabilidade. A prática humana transforma a natureza e constrói a consciência de si – o fazer liga a mão à consciência, nos termos de Marx, ao descrever o itinerário de uma ontologia do homem como ser social, sujeito de seu destino. Mas o trabalho é também exploração, mortificação, alienação. O que a reforma psiquiátrica faz é expor as contradições intrínsecas do trabalho humano, afirmando tanto sua criatividade e produção de consciência do sujeito como sua possibilidade de ser mortificante e alienado.

Se o trabalho pode ser terapêutico? No campo da Reforma psiquiátrica, esta pergunta ajuda a esclarecer a mudança de paradigma que marcou as práticas da saúde mental a partir dos anos 1960 (no mundo, mais especificamente na Europa) e dos anos 1980 (no Brasil).

Chamadas de “oficinas” (lugares onde se pratica um ofício qualquer), as práticas terapêuticas mediadas por atividades que reproduziam o trabalho tornaram-se um recurso característico da psicoterapia institucional e do processo de transformação do modelo de tratamento psiquiátrico asilar. No Brasil, começamos a discutir e fazer “oficinas”, como práticas ligadas à Reforma e não ao modelo asilar, quando se iniciou o delineamento do “campo da atenção psicossocial”, e isto só veio a ocorrer nos anos 1990.²

Retomando então a pergunta – se o trabalho é terapêutico. A matriz italiana da Reforma, sob influência de Franco Basaglia e colaboradores, nos ensinou que “a liberdade é terapêutica”.³ Isto quer dizer que a superação do hospital psiquiátrico tradicional, com seu modelo de tratamento asilar (independente de se fazerem ou não dentro dele atividades de praxiterapia ou oficinas laborais), deveria ser o norte das mudanças a serem buscadas, de modo a libertar a pessoa chamada de louco de sua prisão institucional, isto é, o manicômio e o diagnóstico psiquiátrico (que portava o estigma e definia o lugar social do louco como habitante da instituição fechada). Portanto, se o primado era o da liberdade e da superação do paradigma asilar, o desafio do trabalho como terapêutica se apresentava de outra forma, radicalmente nova: como um recurso, entre outros, que tinha o objetivo de construir o caminho da liberdade e da cidadania do paciente.

Assim, não se tratava mais de uma indagação técnica, que tomasse o trabalho como algo separado do mundo real dos sujeitos, que era o território, a cidade, e não mais a instituição psiquiátrica asilar. O trabalho estabelece uma mediação entre o homem e a natureza, ajuda a construir projetos de vida, cria e sustenta vínculos sociais,

² Registros de experiências de oficinas, e de seu significado para a “atenção psicossocial”, como mudança de paradigma em relação à psiquiatria hospitalar e exclusivamente biomédica, estão presentes no debate da época (ver VENANCIO, A.; LEAL, E.; DELGADO, P. *O campo da atenção psicossocial*. Rio de Janeiro: Editora TeCorá/Instituto Franco Basaglia, 1997).

³ “*La libertà è terapêutica?*”, título de coletânea de ensaios sobre a Psiquiatria Democrática Italiana, organizado por Diana Mauri, Ed. Feltrinelli, Milão, 1986.

permite o ganho financeiro para prover a sobrevivência, organiza o tempo, criando o presente e o futuro, dá sentido à vida cotidiana e brilho no olhar. Isso para todas as pessoas, inclusive para aquelas que sofrem com transtornos mentais. Mas o trabalho pode ser também um fardo, uma “repetição incriativa e extenuante” (de novo Marx), pode ser explorado e alienado.

Ora, se estamos falando do trabalho real e banal, que pode ser glorioso ou mortificante, dependendo do dia e das circunstâncias, a pergunta não é mais se o trabalho é terapêutico, mas como se apropriar do trabalho, como atividade humana, para introduzir mais uma ferramenta (não a única nem a mais importante) no grande esforço de construção da autonomia possível e do lugar social da pessoa com sofrimento mental.

Visitei uma vez um grande projeto de trabalho na Alemanha, com atividades diversas – de produção de móveis a objetos de arte – onde os trabalhadores eram quase todos pacientes de serviços públicos de saúde mental que recebiam uma remuneração por sua atividade, e eram supervisionados por artífices (para as técnicas laborais) e terapeutas (no caso, assistentes sociais). Tudo muito germanicamente organizado, em certo ambiente febril (e fabril) de atividade. Como eu estava vindo de Trieste, da visita às cooperativas sociais e ao debate incessante e loquaz sobre a experiência italiana de “Psiquiatria Democrática”, estranhei muito a maneira quase taylorista como se organizava aquele projeto de trabalho. Mas me deixei ficar um pouco mais naquele ambiente, conversei com as pessoas, observei o horário de saída e a flexibilidade quanto aos ritmos de trabalho, a gentileza reinante entre todos, a gravidade de muitas situações clínicas, o fato de que todos estavam em tratamento fora dali, no serviço de saúde mental, e não ali – ali estavam em um projeto de trabalho, que se articulava com o “projeto terapêutico” (como dizemos hoje no Brasil) de cada um, mas que não era seu tratamento –, e pensei que as experiências de atenção psicossocial e trabalho podem ser muito diferentes, ter matrizes conceituais diversas, e ainda assim terem um norte ético comum, que é a construção da autonomia possível e o respeito à dignidade e aos direitos.

Entretanto... De novo o entretanto. O desafio do que chamamos de “empoderamento” (*empowerment*) e de *recovery* (recuperação, restabelecimento – não há uma boa tradução em português para este movimento contemporâneo da atenção psicossocial) se expressa no lema “nada em meu nome sem minha participação”.⁴ Os usuários querem ser protagonistas dos projetos terapêuticos, e não apenas parte ou beneficiários deles. Na experiência brasileira, o feliz encontro entre a atenção psicossocial e a economia solidária pode propiciar condições favoráveis para o desenvolvimento de experiências onde a “geração de renda” signifique também o empoderamento e protagonismo dos usuários.

O encontro da atenção psicossocial com a Economia Solidária

Entramos agora em uma história que é muito recente. A Economia Solidária, como vertente militante de construção de outro mundo do trabalho, baseado na negação ativa do capitalismo como forma inevitável e natural de organização das forças produtivas, surgiu no Brasil, com mais visibilidade, a partir de 2001. Em 2003, no Fórum Social Mundial de Porto Alegre, cujo lema foi “Outro Mundo é Possível”, uma grande e vibrante plenária (tive o privilégio de estar presente) aprovou a proposta, encaminhada ao recém-empossado presidente Lula, de criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária, que foi implantada naquele mesmo ano, sob a liderança de Paul Singer. Começa aí a economia solidária como política pública, reunindo as diversas iniciativas e fóruns ligados ao cooperativismo, agricultura familiar, experiências de autogestão de fábricas falidas, incubadoras tecnológicas universitárias para empreendimentos solidários e associações de artesãos. Tratava-se de outra economia, onde não havia empregados e patrões, mas a propriedade coletiva dos meios de produção, através da solidariedade e cooperativismo.

Solidariedade, cooperação, autogestão e gestão coletiva, autonomia, protagonismo. Os princípios soavam muito familiares para a

⁴ FARKAS, M; ANTHONY, (2010). Psychiatric rehabilitation interventions: a review. *International Review of Psychiatry*, Abr. 2010, 22(2): pp. 114-129.

atenção psicossocial. Construiu-se, portanto, uma aproximação e um encontro, no âmbito da formulação compartilhada de uma política pública na interface de dois movimentos sociais extremamente potentes naquele momento.

Em 22 e 23 de novembro de 2004 organiza-se então a I Oficina de Experiências de Geração de Renda e Trabalho em Saúde Mental, promovida simultaneamente pelo Ministério da Saúde (através da Coordenação Nacional de Saúde Mental) e pela Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho. A Conferência de abertura desse encontro histórico (resultado de proposta nascida no I Congresso Brasileiro de Centros de Atenção Psicossocial, realizado em maio de 2004 em São Paulo), intitulada “Saúde mental e economia solidária”, proferida de modo compartilhado pelos gestores dessas duas políticas públicas no primeiro governo Lula, é uma espécie de ato inaugural de uma nova e promissora etapa do componente de trabalho e geração de renda no campo da Reforma Psiquiátrica.⁵ Por seu valor simbólico, deve ser citada a Portaria Interministerial do Ministério da Saúde/Ministério do Trabalho nº 353, de 07 de março de 2005, que institui o Grupo de Trabalho de Saúde Mental e Economia Solidária, e também define e formaliza os objetivos gerais que deveriam pautar o processo de construção coletiva da nova parceria intersetorial.

Todo o processo posterior é de crescimento das iniciativas de geração de trabalho e renda, através do financiamento, por meio de editais, pelo Ministério da Saúde. O crescimento das iniciativas de geração de trabalho e renda é muito expressivo a partir de 2005, atingindo mais de seiscentos projetos em 2010. Neste ano de 2010, a realização da I Conferência Nacional de Cooperativismo Social, preparatória tanto para a IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial como para a Conferência Nacional de Economia Solidária, e a reafirmação da matriz conceitual da Economia Solidária e do cooperativismo, como base

⁵ Singer, Paul; Delgado, Pedro Gabriel. “Economia Solidária e Saúde Mental”. Conferência de Abertura. In: BRASIL, Ministério da Saúde. *Saúde mental e economia solidária. Inclusão Social pelo Trabalho*. Brasília, DF, 2006 (2ª. reimpressão), pp. 15-22.

para as iniciativas de geração de trabalho e renda, na IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial, significam, no meu entendimento, a consolidação de uma primeira fase do cooperativismo social em saúde mental no Brasil.

Há vários desafios em jogo, como todos sabemos, sendo o principal deles o da sustentabilidade (econômica, organizativa, institucional) dos projetos, que costumam ser muito frágeis, de curta duração, incorporando poucos usuários, e muito dependentes de situações conjunturais dos serviços (principalmente os CAPS) aos quais estão vinculados.

Formulado e construído em 2010, mas só aprovado três anos depois, o Programa Nacional de Apoio ao Associativismo e Cooperativismo Social – PRONACOOOP Social, instituído através do Decreto nº 8.163, de 20 de dezembro de 2013, pode, se inteligentemente apropriado pelos movimentos sociais da Reforma Psiquiátrica, se tornar uma efetiva e potente ferramenta para o fortalecimento da política de saúde mental e economia solidária.

Mas esta é uma história em construção. Frágil em alguns aspectos, mas muito potente em sua criatividade e diversidade, constituindo, a meu ver, uma larga avenida em direção à autonomia possível e ao protagonismo de usuários e familiares.

Referências bibliográficas



BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

DIAS, Paula Barros. Arte, loucura e ciência no Brasil: as origens do Museu de Imagens do Inconsciente. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, como requisito para a obtenção do grau de mestre. Área de concentração: História das Ciências. Rio de Janeiro, 2003.

DIAS, Carla. A produção de si na fabricação de objetos materiais. In: REINHEIMER, Patricia; SANT'ANNA, Sabrina P. (Orgs.). *Manifestações artísticas e ciências sociais: reflexões sobre arte e cultura material*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2013.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença. *Ciênc. Saúde Coletiva*, vol. 8. n.1, Rio de Janeiro, 2003.

_____. Artes ambientais e sociedade: paisagem como projeto no Ocidente. In: REINHEIMER, Patricia; SANT'ANNA, Sabrina P. (Orgs.). *Manifestações artísticas e ciências sociais: reflexões sobre arte e cultura material*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2013.

OLIVEIRA F., João Pacheco de. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais In: *Mana* 4(1), 1998.

REINHEIMER, Patricia; LEAL, Erotildes; SILVA, Martinho; LIMA, Elizabeth. *Território e práticas em Saúde Mental: um diálogo possível entre saúde, geografia e antropologia*. Habitus (UCG. Impresso), v. 7, pp. 125-125, 2009.

REINHEIMER, Patricia. Tô maluco, mas tô em obra: a trajetória do artista moderno e as representações da loucura. *Revista de Ciências Sociais* (Fortaleza), v. 14, pp. 48-66, 2010.

REINHEIMER, Patricia; ALMEIDA, Neli. A capa: éfeito de papel. In: CAMPOS, Fernanda Nogueiral. (Org.). *Saúde mental e arte: práticas, saberes e debates*. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2011, pp. 17-22.

REINHEIMER, Patricia. Manifestações artísticas: práticas e representações sobre a saúde mental no contexto da Reforma Psiquiátrica. In: BUENO, Maria Lúcia. (Org.). *Sociologia das artes visuais no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Senac, 2012, v. 1, pp. 233-252.

REINHEIMER, Patricia; MACHADO, Carly; RINALDI, Alessandra; RIBEIRO, Ana Paula. Introdução. In: REINHEIMER, Patricia; SANT’ANNA, Sabrina P. (Orgs.). *Manifestações artísticas e ciências sociais: reflexões sobre arte e cultura material*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2013. pp. 7-14.

REINHEIMER, Patricia. Ser maluco é fácil, difícil é ser eu. In: VILLAS BÔAS, Gláucia; QUEMIN, Alain. (Org.). Projeto Saint Hilaire. 1. ed. Paris: (no prelo), v. 1, p. 200-.

RUSSO, Jane. *O mundo PSI no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 89.

SEBRAE. Termo de Referência. Atuação do Sistema SEBRAE no Artesanato. Brasília, 2010. Disponível em: [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/4762969DAC2E2FBC8325770E005416FC/\\$File/NT00043F22.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/4762969DAC2E2FBC8325770E005416FC/$File/NT00043F22.pdf).

SINGER, P.; SOUZA, A. R. *A economia solidária no Brasil, a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.

TRAVASSOS, Elizabeth. *Os mandarins milagrosos. Canções do povo e ideologia da arte*. Tese de doutorado, PPGAS/MN/UFRJ, 1996.

Endereços úteis

Principais links da geração de renda e economia solidária

<http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/a-economia-solidaria/>

http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=274&Itemid=10

<http://incubadoraecosol.wordpress.com/>

http://www.itcp.coppe.ufrj.br/publ_livros.php

Link do IFB

<http://www.ifb.org.br/>

Facebook do éfeito de papel!

<https://www.facebook.com/efeito.depapel.1?fref=ts>

Lojas que venderam e/ou ainda vendem objetos do éfeito de papel!

Rê & KK Arte Popular. Rua Adolfo Bergamini 293 – Engenho de Dentro
Rio de Janeiro – RJ.

Maria Carioca. Rua Dezenove de Fevereiro, 59^a – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ. Tel.: (21) 3176-2222.

O Sol Artesanato Brasileiro. Rua Corcovado, 213 – Jardim Botânico
Rio de Janeiro – RJ. Tels.: (21) 2294-5149/2294-5099.

La Vereda. Rua Almirante Alexandrino, 428 – Santa Teresa
Rio de Janeiro – RJ. Tel.: (21) 2507-0317.

Endereços das oficinas do projeto **éfeito de papel!**

CAPS Ernesto Nazaré

Av. Paranapuã, 435 Freguesia – Ilha do Governador Tel.: (21) 3367-5145

Diretora: Francileuda Bruguer

CAPS Clarice Lispector

R. Dois de Fevereiro – Encantado Tel.: (21) 3111-7490

Diretora: Daniele Queiroz

CAPS Linda Batista

R. Orélia, 381 – Guadalupe Tel.: (21) 2458-4939

Diretora: Dayse Machado D’Almeida

CAPS Lima Barreto

Av. Ribeiro Dantas, 571 – Bangu Tel.: (21) 3462-5449

Diretora: Márcia Cristina Souza

CAPS Pedro Pellegrino

Praça Major Vieira de Mello, 13, fundos – Comari – Campo Grande

Tel.: (21) 2419-0669

Diretora: Patrícia Fernandes

CAPS Simão Bacamarte

Av. Senador Camara, 224 – Santa Cruz Tel.: (21) 3365-8775

Diretora: Ana Paula Figueiredo

Espaço Aberto ao Tempo – EAT – Instituto Municipal Nise da Silveira

R. Ramiro Magalhães, 521 – Engenho de dentro Tel.: (21) 3111-7426

Direção: Claudia Regina Bezerra e Lula Wanderley

Equipe do projeto **éfeito de papel!**

Coordenação geral

Neli de Almeida • Patrícia Reinheimer

Coordenação artística

Ana Cristina Maciel • Patrícia Reinheimer

Assistentes técnicas

Esther Arotchas • Poliana Netto

Monitores

Josepha da Costa Baptista • Lúcia de Fátima dos Santos • Agnes de Oliveira da Silva • Marcos Eduardo Santino • Vilma Conceição Silva de Oliveira • Wanda da Silva Araujo • Enoque Barbosa da Silva

Colaboradores voluntários

Vera Caldas • Cida Mansur

Alunos extensionistas IFRJ/SENAES/MTE – PROEXT/MEC

Aline Paloma de Macedo • Ana Carolina Drumond Couto • Ana Patrícia Oliveira • Carla Andressa Pedron • Erivaldo Santos de Jesus • Evelin Santos Silva • Frederico Brandão • Filipe Peixoto Lota • Ilana Paz • Jéssica Cunha • Juliana Reis Torres Vasconcelos • Valdilene Lima de Almeida



Deste livro foram impressos 1000 exemplares em papel offset 90g,
com tipos Adobe Caslon e Avant Garde, na Gráfica Stamppla,
no Rio de Janeiro, em maio de 2014.

Neste livro de apresentação do projeto *éfeito de papel!*, podemos encontrar alguns caminhos no âmbito da Economia Solidária para se pensar a ampliação dos direitos sociais de grupos mais vulneráveis, e vislumbra-se a experiência do trabalho artesanal como um campo importante de integração de pessoas e suas histórias de vida.

O livro sobre o projeto *éfeito de papel!* – apoiado pelo Programa Petrobras Desenvolvimento & Cidadania – destina-se a um público ampliado, formado por profissionais de saúde mental, economistas sociais, artesãos, artistas plásticos, empreendedores solidários e demais estudiosos do tema.



ISBN 978-85-87199-21-8



9 788587 199218

Patrocínio:



Apoio:



Realização:

IFB